



Jornal O Cola

DE LETRAS PARA LETRAS



p. 13 ENTREVISTA AO DIRETOR

HERMENEGILDO FERNANDES

AS LUZES DA CIDADE

«É estranho, mas é como se me tivesse adaptado a esta tão lamuriosa mágoa e sentisse um pedaço de paz cada vez que penso nela. Como se fizesse da minha dor o meu colo.»

p. 2

HOME ALONE

«Não sei como estará o mundo daqui a alguns meses, se a crise aumentar, se outro país deixar de existir, qual nova guerra será iniciada ou qual famoso morrerá para deixar os fãs em luto.»

p. 5

ENTRE MUSEUS E PISTACHIOS

«As tuas observações eram bem estudadas, como se fosses o mais dedicado curador e eu o pequeno museu.»

p. 11

Top 5 Lojas de Segunda Mão

1. Indigo

Descubra o encanto da moda sustentável na loja *online* Indigo, onde cada peça conta uma história única. Com coleções semanais cuidadosamente selecionadas, esta loja oferece uma variedade de roupas, preocupando-se ainda com ter um impacto positivo no meio ambiente. Cada item é escolhido com dedicação, visando encontrar peças com história e qualidade.

Instagram: @indigo.vintage

2. 2ª Opção

Desde 2014, a loja *vintage* Segunda Opção começou modestamente numa garagem e agora conta com duas lojas físicas. Comprometida com a sustentabilidade, busca manter práticas ecológicas enquanto compartilha com os clientes o encanto do *vintage*. Com ênfase na limpeza e higiene, todas as peças são cuidadosamente selecionadas, lavadas e desinfetadas, permitindo aos clientes usá-las imediatamente após a compra. É uma boa opção para descobrir o charme único do *vintage* enquanto apoia um estilo de vida consciente.

Rua Santo Adrião, N°45, Braga, 4715-015

Online: www.segundaopcaoivintage.com/

3. O Alfarrabicho

O Alfarrabicho é a livraria de eleição em Lisboa, especializada em livros usados, seminovos e antigos. Cada livro usado tem muitas histórias para contar, e, nesta loja, é possível encontrar uma variedade de tesouros literários à espera de serem descobertos. Cada página está cheia de memórias prontas a ser passadas ao próximo leitor.

Loja 7, Mercado de Sta Clara, Lisboa

Online: www.oalfarrabicho.com

Instagram: @oalfarrabicho

4. Yellow in a Box

Yellow in a Box é uma loja de segunda mão que oferece uma seleção admirável de vestuário *vintage* e sustentável. Localizada no Porto, é um dos destinos ideais para quem valoriza peças de roupa com história e, ao mesmo tempo, tem preocupações ambientais. Desde a sua criação, tem-se dedicado a oferecer uma experiência de compra única, onde cada item contribui para um estilo de vida mais consciente, proporcionando aos seus clientes a oportunidade de expressar a sua individualidade de forma sustentável.

Instagram: @yellow_in_a_box

5. Alfarrabista Liliana Queiroz

A Livraria Alfarrabista Liliana Queiroz é uma referência no mercado livreiro e alfarrabista, com mais de duas décadas de experiência dedicada à compra e venda de livros raros, esgotados e usados em todo o país. Com a máxima discrição e seriedade, estão prontos para adquirir grandes ou pequenas bibliotecas, espólios, manuscritos, fotografias e postais antigos, entre outros tesouros literários. Os seus preços seguem critérios como raridade, estado de conservação, quantidade e proveniência, visando sempre alcançar um valor justo para cada obra.

Rua Tenente Sangreman Henriques, N°34, Caldas da Rainha 2500-253

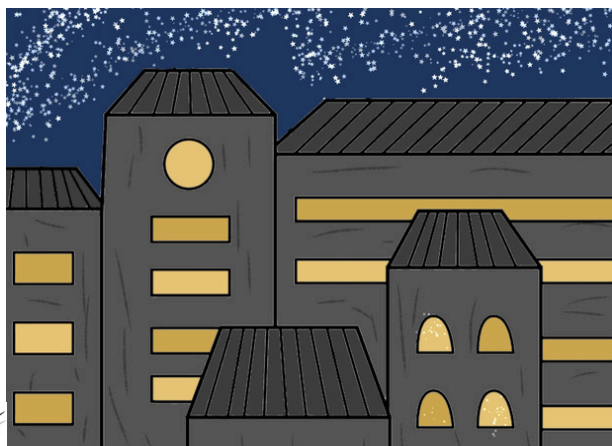
Online: <https://www.livrariaalfarrabista.com/>

Instagram: @livraria_alfarrabista

As Luzes da Cidade

Eu gosto da janela do meu quarto quando já é quase meia-noite. De vez em quando, lá fico a observar um filme a que já estou acostumado – a madrugada. Muitos por esta hora já devem estar refugiados nas suas camas, enquanto eu fico ali ao pé da janela, escondido de certa forma, só a observar. Certamente, serei o único aqui a vaguear com o olhar por entre esta noite fria, refugiado nas sombras do meu quarto a perscrutar cada som ou movimento.

«Porque olhas tanto para o lado de fora? O que procuras tu no meio da noite?», perguntar-se-iam aqueles que passassem e me vissem ali parado. «O que há de tão interessante aqui para se ver?». Bem, nada exatamente. Estou pura e simplesmente aqui quieto a contemplar este vazio imenso, enquanto os minutos passam, pela simples razão de ser um ambiente muitíssimo reconfortante para mim.



Sabem... é bonito lá fora. Muito bonito. Só a estas horas, claro. Não se passa nada. Uma noite como esta, onde já não se vê quase ninguém a passar pelas ruas, onde consigo escutar a corrente do rio, o coaxar das rãs, os motores dos poucos comboios que ainda circulam lá ao fundo... tudo isto é apaziguador. Mas o que mais gosto é sobretudo das luzes dos candeeiros a iluminarem o que há em redor. Gosto das luzes destes candeeiros aqui fora. São as luzes da cidade quando esta mergulha na escuridão. É sobre eles que o meu olhar recai. Olho sobretudo para o candeeiro mesmo ao pé da minha janela, para a luz que irradia dele e que embate sobre o passeio mesmo por baixo da minha casa. É este o meu sol. Os outros candeeiros são as estrelas espalhadas pelo meu universo. Todas elas em

sincronia iluminam um mundo onde eu realmente pertenço – a solidão.

Bem, eu não escolhi estar aqui deliberadamente. Se eu não pertenço a um mundo alegre como aquele onde as pessoas saem à rua e andam pela passarela a que chamam de vida, porque haveria eu de me desapegar disto? É instintivo estar aqui. Mesmo que quisesse sair, mesmo que quisesse fugir, mesmo que pudesse romper e escalar este abismo, eu jamais poderia viver como todos os outros. Não posso, simplesmente. Estou preso neste domínio que é a noite. Sinto-me vivo neste canto. É o meu lugar de repouso, embora não o quisesse enquanto refúgio.

Às vezes deparo-me com o meu reflexo no vidro da janela e encaro o meu próprio olhar. *«Eu sei. Eu sei que te sentes perdido. Eu sei que isto na verdade perturba-te. Tu não gostas propriamente de estar aqui. Não escolheste mirar este vazio. Não escolheste ser deixado pelos que te rodeiam. Não escolheste ser infligido por essa dor. Viveste até então enrolado nos teus próprios braços a aceitar dor ante dor, outra razão para aqui estares, portanto... porque haverias de te culpar? A culpa não é tua.»*, digo eu demasiadas vezes para mim mesmo. Chega a um ponto em que simplesmente gosto de o dizer. É estranho, mas é como se me tivesse adaptado a esta tão lamuriosa mágoa e sentisse um pedaço de paz cada vez que penso nela. Como se fizesse da minha dor o meu colo.

É bonito lá fora. Muito bonito. Ainda que por pouco tempo, mas é...

Ir-me-ei embora quando o meu sol se puser, quando as luzes se apagarem. O amanhecer aproxima-se agora. O mundo irá erguer-se de novo. Os primeiros feixes de luz começarão a rasgar o céu e, em breve, as luzes dos candeeiros apagar-se-ão. Com elas, irei eu também, refugiar-me num mundo só meu, que não pode ser visto de dia. Num mundo onde só eu existo. Num mundo onde tudo é silencioso. Voltarei a fundir-me com esse silêncio e aguardar que tudo se vá, para mais tarde voltar a encontrar-me abraçado a mim mesmo junto desta janela. A olhar para estes candeeiros, a contemplar estas luzes.

Rosas

Autoria: Anónimo
Edição: Ricardo Cerdeira

- As rosas que estavam no jarro da minha mesa de cabeceira murcharam...
- Pois, a vida é efémera.
- Mas eu queria que elas durassem.
- Tu não morres?
- Morro.
- Então porque haveriam elas de durar se fomos nós que lhes tirámos a vida?
- Eu queria que...
- Eu também queria muita coisa! Mas elas já estavam mortas quando as levaste para casa!
- Tal como eu estou morto mesmo estando aqui a falar contigo?
- Exatamente!
- Então, eu e as rosas somos a mesma coisa?
- Sim, seres mortos, vagueando pela Terra como se estivessem vivos.
- E também foram os humanos que me mataram?
- Precisamente! Somos iguais às rosas que foram colhidas para se transformarem naquele lindo ramo na tua mesa de cabeceira, que acaba por durar tão pouco tempo.

Os Beijos Que Não Te Dei

Autoria: Filipa Ribeiro
Edição: António Santos
Ilustração: Nobre Bastos

Foram tantos, tantos!
Os beijos que não te dei
Ai, quantos, quantos!
Quantos versos te dediquei
Inúmeras vezes
Bradei, clamei!
Ao Céu que viesses
A ver-me por quem sou,
Tanto disseste querer-me bem
Que optaste por quitar-me
A dívida que pensas que tenho para contigo
Pois bem, meu querido
Silêncio, que estarias
Tu em dívida comigo
Se nem tudo te perdoasse
Se não te amasse
Perdidamente!
E por ti tanto me perdi
Que se me beijasses voltava a ti.
Indiferente da minha perdição
Criaria uma trémula
Ficção fruto da paixão
E beijaria, desesperadamente!
O sacro labirinto dos teus lábios
Quanto mais não fosse
Para matar o teu minotauro canibal
Que de mim se alimenta sem mal
Que o assole!
Pois sem o meu beijo
Não há quem o degole
E voltaria a mim
Porque ladrão que rouba ladrão
Tem cem anos de perdão.



Caixão

Autoria: Iúri Antunes
Edição: Inês Cândido
Ilustração: Nobre Bastos

Noite negra ríspida,
urbana iluminação de pequenas aldeias
trespassara o alumínio do caixão metálico,
cobrindo as juventudes de uma fina camada
gélida
monótona,
questionável.

Turbilhão de ideias confusas
conceções alienáveis,
pensamentos pré-concebidos,
abstrações de caráter duvidoso,
vagamente fundamentadas.
Assuntos bombeados pela emoção
desassossegam a imaginação,
o discernimento das viagens.

A rápida colisão,
fruta madura
da inevitável causalidade,
gera impacto emocional,
uma viagem adjacente ao presente,
breves memórias de um longo futuro já vivido,
por desejos e arrependimentos adormecidos
sobre o abafo que outrora o fumo dependia.

Acidente recompensado por atos de boa-fé em
coroas de louro,
intenções provenientes da observação
resquício de uma gota de esperança
desorientada na natureza constantemente
invasida
esquecida,
absorvida pelo esplendor de bons propósitos
porém, só desejos.

A solidão já há muito nem sentida,
nem trespassada,
volta a bater ao portão com força
em bom som.
Nem a leve melodia perdida no tempo
ressuscita o sono tão aguardado.

A ansiedade em lume brando
corre pelo translúcido espelho obscuro,
aumenta a fogueira enraizada no peito.
Sangue tenta apagar o desespero,
mas nem o vício inspirador apaga o incêndio.

O silêncio dos sofridos já plantado no passado,
germinam reflexões que só o tempo dirá.



Home Alone

Autoria: Gabriel Goto
Edição: Ricardo Cerdeira

Assim como no clássico da comédia natalina, passei o Natal e passarei o Ano Novo sozinho em casa, não porque se esqueceram de mim, mas talvez porque fui eu quem se esqueceu dos outros. Não foi ruim. Escolhi bons filmes para assistir e até me inspirei para escrever novamente. Encarei o Abismo e fiz com que ele desviasse o olhar.

Há alguns anos que o Natal já não possui um grande significado para mim. Hoje é indiferente, mas ser o primeiro que passei longe de casa é a parte complicada. Sinto saudades do eterno verão brasileiro e dos gerúndios, mas gosto de estar onde eu estou. A tal sensação de *homesickness* me instiga a escrever, mas o melhor que me oferece é a vontade de prolongar esse sentimento. Talvez seja um sentimento masoquista da minha parte. Não importa.

Não sei como estará o mundo daqui a alguns meses, se a crise aumentar, se outro país deixar de existir, qual nova guerra será iniciada ou qual famoso morrerá para deixar os fãs em luto. Eu não consigo fazer nenhuma projeção para o futuro e isso é maravilhoso. Tenho as expectativas baixas, pois assim me surpreendo caso tenha algo positivo. Quero escrever os meus poemas em paz, ser um leitor mais frequente, ir ao cinema sempre que possível e conhecer outras cidades históricas. Quero aproveitar tudo o que a vida tem para oferecer antes que ela deixe de me oferecer coisas boas.

Quando pensei no que escrever, não imaginei como terminaria. Hoje ao aproximar-me deste

final do texto, ainda não sei como terminá-lo. Talvez o ideal fosse tê-lo terminado no parágrafo anterior, porém cá estou eu ainda a escrever em busca de um final que seja adequado. Talvez seja esse o melhor final. Assim, como nenhum de nós sabe o que está na página seguinte do jornal ou no dia seguinte a este em que eu escrevo ou em que tu lês. O próximo parágrafo é uma incógnita.

Cosmos & Creation

LISBON 2024 COLLOQUIUM ON NEOPLATONISM

4-5 April 2024
School of Arts and Humanities
University of Lisbon
Room B112.C

Keynote speaker
Riccardo Chiaradonna
Speakers
Tomás N. Castro
Laura Marongiu
Bettina Reese
Guilherme Riscali
Dinis Tomás
Enrico Volpe

Cosmos e Criação | Colóquio sobre Neoplatonismo

O NEN (Núcleo de Estudos de Neoplatonismo) anuncia a edição de 2024 do Colóquio de Lisboa sobre Neoplatonismo, dedicado ao tema «Cosmos & Criação», organizado conjuntamente pelo Centro de Filosofia (CFUL) e pelo Centro de Estudos Clássicos (CEC) da Universidade de Lisboa, que terá lugar na Faculdade de Letras (Salas B112.C e C201.J) nos dias 4 e 5 de abril de 2024.

*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.

O sublime kantiano e a questão do sublime artístico

Introdução

Este estudo tem como objetivo investigar o tópico do sublime artístico através da teoria do sublime do filósofo Immanuel Kant. A problemática em questão é se existe uma possibilidade para a existência de um sublime artístico através da teoria do sublime e da teoria estética de Kant, embora esta última seja menos questionada. Se a beleza pode ser experienciada na arte, que se diz, então, sobre o sublime? Serão questões que poderão ou não ser respondidas. Por último, serão também analisadas as teorias estéticas do obsceno e do desgosto (ou repugnância), que se relacionam com a investigação do sublime, na medida em que, de certo modo, se aproximam.

O texto estará organizado em cinco partes, incluindo a conclusão. O texto assentará principalmente na obra *Crítica da Faculdade do Juízo* de Immanuel Kant, em concreto o segundo livro, *Analítica do Sublime*. Serão, também, relevantes os estudos de Donald W. Crawford (Kant), de Uygur Abalı, nomeadamente, o artigo com o título «Kant's Justified Dismissal of Artistic Sublimity», que se encontra em *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. A obra de Lynda Nead intitulada *The Female Nude: Art, Obscenity and Sexuality*, em concreto o quinto capítulo «Obscenity and the Sublime», e, por último, o artigo de Michelle Meagher intitulado «Jenny Saville and a Feminist Aesthetics of Disgust». Deste artigo irei resgatar a teoria estética do desgosto e relacioná-la com o desprazer da experiência do sublime.

O sublime kantiano

Para a teoria do sublime kantiano é necessário ter em conta que esta concentra a sua atenção principalmente à experiência do sublime na natureza, ignorando por completo o sublime na arte.

No segundo livro da sua *Crítica da Faculdade do Juízo*, *Analítica do Sublime*, Kant desenvolve a sua visão sobre o sublime, dividindo-o em duas categorias: o matemático-sublime e o dinâmico-sublime, que, respetivamente, se

aplicam à natureza na medida da sua vastidão (ou grandeza) e do seu poder.

Ambas se caracterizam pela falta de forma, isto é, a incapacidade humana de apreender a natureza em termos de tempo e espaço. Esta característica será importante para se poder olhar para a arte, relacionando-a com a experiência do sublime. A experiência do matemático-sublime dá-se quando refletimos sobre objetos de grande magnitude. Seleccionando uma medida, somos capazes de fazer uma estimativa sobre o tamanho de um objeto da natureza. O sublime, porém, acontece quando neste processo de estimativa lógica «o ânimo escuta em si a voz da razão» (Kant, 2017: p.163). Esta razão exige a totalidade para a grandeza dada, mesmo para aquela que não se apreende inteiramente através das sensações retidas pela faculdade da imaginação. Porém, estas serão julgadas como inteiramente dadas pela razão que nos leva a compreender esta grandeza intuitivamente. Kant defende este argumento, apontando para a existência de «uma faculdade que seja ela própria suprassensível» (Kant, 2017: p.164), pois compreende-se que é uma contradição poder pensar infinitamente. Assim o ânimo humano requer uma outra faculdade para o poder fazer. Isto é, a grandeza de um objeto natural excede a faculdade de imaginação (capacidade de reter imagens). Percebemos, assim, a inadequação desta faculdade, ou seja, a sua incapacidade de avaliação dessa grandeza. Esta grandeza tem, então, de ser transportada para um domínio suprassensível capaz de ajuizá-la como sublime. Esta experiência não se aplica ao objeto, mas à «disposição do ânimo na avaliação do mesmo» (Kant, 2017: p.165). Há um sentimento de desprazer nesta compreensão das barreiras da faculdade da imaginação, mas que nos leva a um sentimento de prazer que «nos torna intuível a superioridade da determinação racional das nossas faculdades de conhecimento sobre a faculdade máxima da sensibilidade» (Kant, 2017: p. 167). Ou seja, sentimos desprazer devido à incapacidade de apreensão sensória, mas sentimos prazer na medida em que o conflito entre as nossas faculdades de imaginação e compreensão nos demonstram o poder da nossa razão para direcionar a nossa sensibilidade e juízos. Kant afirma, por fim, que «o objeto é admitido como sublime com um prazer que só é possível mediante um desprazer» (Kant, 2017: p.170).

Em relação ao dinâmico-sublime, experienciamos-lo quando refletimos sobre objetos extremamente poderosos e fenômenos naturais capazes de fazer surgir medo no sujeito. Kant oferece-nos exemplos deste sublime, como: nuvens de trovões que se vão acumulando nos céus e que avançam com relâmpagos, vulcões e as suas forças destruidoras, furacões, o oceano ilimitado, entre outros. Estes fenômenos são como espetáculos terríveis que só se tornam atraentes, ou prazerosos, nessa exata medida em que nos oferecem este sentimento de terror. Porém, este espetáculo, como Kant afirma, será prazeroso apenas no momento em que «nos encontremos em segurança» (Kant, 2017: p. 172). Desta forma, pensamos nos objetos como temerosos sem termos um verdadeiro medo sobre estes; o que ocorre apenas quando o sujeito se encontra seguro face a estes fenômenos. A natureza permite-nos reconhecer a nossa própria impotência física, mas, ao mesmo tempo, revela-nos um tipo de resistência ao poder da Natureza. O conhecimento deste poder da razão sobre a sensibilidade produz o prazer. Assim, «a sublimidade não está contida em nenhuma coisa da Natureza, mas só no nosso ânimo, na medida em que podemos ser conscientes de ser superiores à Natureza em nós e através disso também à Natureza que nos é exterior» (Kant, 2017: p.175).

Distinção entre o belo e o sublime

O belo e o sublime são dois tipos de juízos estéticos que têm os mesmos critérios, a respeito da divisão de quatro momentos do juízo anteriormente feita por Kant (qualidade, quantidade, relação e modalidade). O sublime é «encontrado num objeto sem forma, na medida em que seja representada nele uma ilimitação» (Kant, 2017: p.151). No belo, a faculdade da imaginação interage com a faculdade do entendimento, porém, no sublime, a imaginação interage com a razão. O sublime está conectado com a representação da quantidade e o belo com a da qualidade. A experiência do sublime origina movimento no ânimo, o belo oferece contemplação. Por último, o sublime contém um sentimento complexo de repulsa e atração e o belo apenas de prazer positivo.

Relação sublime e arte

A característica mais importante de reflexão é a forma do sublime, pois este fator complica a relação entre o sublime e a arte. Como afirma

Abali' no seu estudo, não nos parece que Kant quisesse afirmar um tipo de espaço-tempo ilimitado; qualquer objeto, tão vasto como possível, tem fronteiras de espaço e de tempo. O sublime apenas nos revela uma capacidade de poder pensar sobre essa ilimitação. Assim, o sublime pode ser encontrado num objeto cuja forma é difícil de captar pela nossa imaginação, e, por isso, ofereceu-nos a ideia de ilimitação. Deste modo, a impressão de algo sem forma é um efeito indireto do objeto sobre a mente do sujeito.



Kant afirma que a diferença mais importante entre o sublime e o belo é a seguinte: «aqui consideramos, antes de mais nada, somente o sublime em objetos da natureza (pois o sublime da arte é sempre limitado às condições da concordância com a natureza)» (Kant, 2017: p.152). Esta citação pode ser lida como um reconhecimento da existência da experiência do sublime na arte. Contudo, não nos são explicadas essas condições da concordância com a natureza. A forma do belo baseia-se na limitação (a contemplação da imagem «emoldurada»). Aquilo que o sublime sugere é exatamente o contrário, isto é, a possibilidade da forma além do limite. O belo está contido na forma, na unidade, pelas suas fronteiras. Pelo contrário, o sublime caracteriza-se pelo excesso, pelo infinito, e, assim, não pode ser contido na forma. Parece ser além da representação. Se pensarmos numa definição de arte como a limitação da matéria na forma, então o sublime não se enquadra, e estará necessariamente além dos parâmetros da arte.

¹In "Kant's Justified Dismissal of Artistic Sublimity".

É importante, também, o tipo de prazer que o sublime suscita. Como já foi mencionado, é negativo, mas também positivo: «o extenso oceano, revolto por tempestades, não pode ser denominado sublime. A sua contemplação é horrível; (...)» (Kant, 2017: p.153). É só após o exercício da razão sobre o objeto que causa temor, que experienciamos o sublime. Deste modo, é caracterizado como violento, alternando entre atração e repulsão. A experiência do sublime é cinética, em contraste com a do belo que é contemplativa. Se tomarmos a arte como algo que existe na esfera contemplativa, então o sublime não se aplica. A partir do momento em que a arte resulta em ação ou movimento, deixa de ser arte.

O sublime como categoria perturbadora

Pensando no sublime como uma categoria perturbadora e no desprazer que o sujeito sente mediante objetos na natureza que suscitam o sublime, afastamo-nos de uma definição de arte normativa, que sugere que o objeto artístico tem de ser belo, e o belo suscita prazer e não desprazer.

Pensemos na categoria do obsceno². Do latim «scena», que significa aquilo que se encontra além da representação, fora de palco. Até agora, foram apresentados motivos para a impossibilidade de representação do sublime na arte; se o obsceno pode ser caracterizado como algo além da apresentação, então é nesta medida que se aproxima do sublime. Porém, estaríamos a dizer que qualquer experiência negativa não seria passível de ser representada, o que não é o caso. Como exemplo, temos a estética do desgosto ou do repugnante. Segundo Meagher, o repugnante é como um mecanismo de evitar danos ou dor no corpo. Esta fisicalidade do repugnante ajuda-nos a levar a atenção ao corpo em si, o que é igualmente importante para a experiência do sublime quando nos referimos ao corpo em segurança mencionado por Kant («se o corpo está em segurança, então é possível experimentar o sublime na medida em que a nossa razão ascende sobre o poder da natureza»).

Existe ainda outro ponto em que o sublime se aproxima da teoria estética do repugnante: o repugnante não é uma característica inerente aos objetos, mas é, na verdade, um efeito da relação entre o sujeito e o objeto. É-nos claro que o repugnante não pode ser analisado sem ter em atenção os paradigmas culturais que influenciam a experiência do mesmo. Contudo, é igualmente

importante a relação de um sobre o outro, objeto ou não. O repugnante é, desta forma, uma reação do sujeito que se tenta separar do objeto que causa repulsa, que causa desgosto. Neste ponto, o sublime e o repugnante aproximam-se, na medida em que causam movimento no ânimo do sujeito, nomeadamente, em relação à separação do sujeito sobre o objeto, e na medida em que são uma experiência do sujeito em si, e não como característica inerente do objeto. Permanece a questão seguinte: se há a possibilidade de representar, na arte, algo repugnante, cuja experiência é inteiramente de desprazer, então quais são as medidas necessárias para representação do sublime? E porque hesita Kant na explicação do sublime artístico? Uma forma de responder à primeira questão é afirmar que, se o sublime é cinético, e a arte, pelo contrário, se encontra no plano contemplativo, então não é possível a representação do sublime na arte.

Conclusão

Foi pretendido procurar perceber se existe possibilidade de representação do sublime na arte, através da teoria estética do sublime, e não através da teoria da arte de Immanuel Kant. Conclui-se que o sublime não poderá ser representado na arte, pois é caracterizado como uma experiência além da representação, tal como, por exemplo, o obsceno. É sem forma, e a arte, por outro lado, é a contenção da matéria na forma. Não seria, assim, possível conter o sublime se recorrermos à ideia da grandeza inerente nessa experiência estética. Outra razão seria o facto de fazer surgir movimento no ânimo do sujeito. E se a arte é contemplativa e perde o seu carácter se for incentivada ao movimento, então o sublime também não é possível como categoria artística. Por último, se, tal como Kant afirma, o sublime é uma teoria estética dos objetos da natureza, não é possível transferi-lo para as artes, ou «emoldurá-lo».

Bibliografia

1. Abali, UYGAR, "Kant's Justified Dismissal of Artistic Sublimity" in *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Vol. 66, No. 3 (Summer, 2008), pp. 237-251.
2. Kant, IMMANUEL, *Crítica da Faculdade do Juízo*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2017.
3. Nead, LYNDIA, "Obscenity and the Sublime" in *The Female Nude: Art, Obscenity and Sexuality*. Routledge: London and New York, 1992, pp.17-33.
4. Meagher, MICHELLE, "Jenny Saville and a Feminist Aesthetics of Disgust" in *Hypatia*, Vol.18(4), 2003, pp. 23-41.
5. W. Crawford, DONALD, "Kant" in *The Routledge Companion of Aesthetics*. Routledge: London and New York, 2001, pp.51-64

² Nead, LYNDIA, "Obscenity and the Sublime" in *The Female Nude: Art, Obscenity and Sexuality*. Routledge: London and New York, 1992, pp.17-33.

Agenda Académica

Nesta *Agenda Académica* apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa ou na cidade de Lisboa.



Paixão segundo São João - J.S. Bach

O Concerto «Paixão segundo São João» de J.S. Bach, pelos Músicos do Tejo, tem lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no dia 14 de abril, às 19h00, e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.

*Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.

10 Anos 10 Visitas - Visita 7: Tapada da Ajuda

No âmbito das Comemorações do seu 10º Aniversário em 2023, 10 espaços emblemáticos da UL vão abrir-se à comunidade académica, ao público e à cidade. A Visita 7 será feita aos espaços da Tapada da Ajuda: Pavilhão de Exposições, Parque Botânico, Observatório Astronómico de Lisboa e Edifício Principal do ISA, no dia 20 de abril de 2024, às 15h.

A visita será orientada e é gratuita, com inscrição obrigatória até 24h antes.

Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.



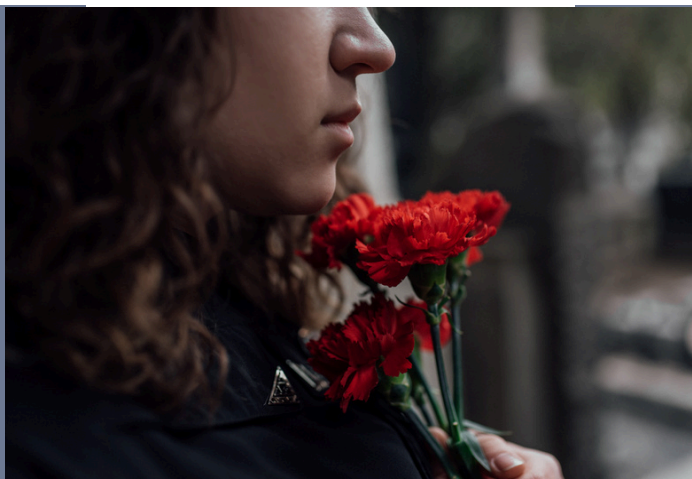
"On the Road With the Beats": Uma Conversa com Barry Miles, o Biógrafo da Contracultura

O Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa convida toda a comunidade académica para uma conversa com Barry Miles, autor *best-seller* de diversas biografias e livros sobre a Geração Beat, o movimento de contracultura dos anos 60 e a sua constelação de Músicos. A sessão decorrerá no dia 4 de abril, às 17h, na sala C009.A.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.

*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.

Aqui podes encontrar eventos como concertos, congressos e colóquios sobre línguas, diversidade, literatura, filosofia, entre outros. Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



Maria, de Seu Nome

Assinalando o Dia Internacional da Mulher e com os 50 anos do 25 de Abril de 1974 em perspectiva, a exposição bibliográfica que expande a ideia das Três Marias, designação atribuída às autoras das *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, ao reunir um conjunto de autoras de nome Maria que desenvolveu a sua atividade durante o período do Estado Novo e no decurso ou imediatamente após a transição para a democracia em Portugal.

A exposição estará patente no átrio da Biblioteca da FLUL até ao dia 25 de Abril de 2024.

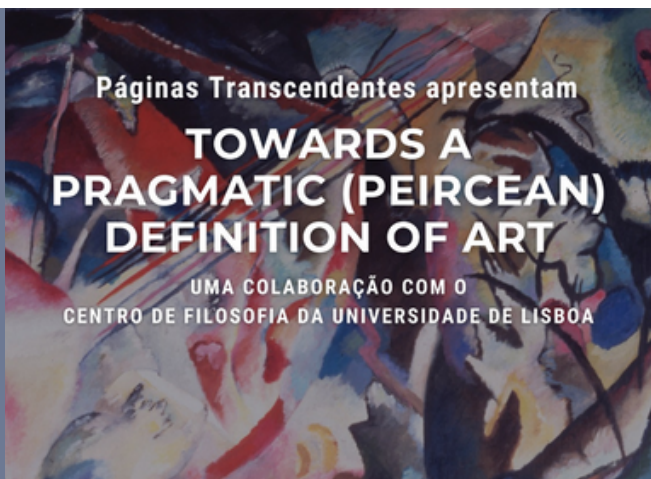
Ciclo de Conferências sobre os Futuros da Educação - Gert Biesta

No âmbito dos trabalhos da Cátedra UNESCO Futuros da Educação, será realizado o Ciclo de Conferências sobre os Futuros da Educação, que decorre no Instituto de Educação da ULisboa. Neste ciclo participarão alguns dos principais nomes do debate educativo no mundo. A Conferência de 19 de abril de 2024 conta com Gert Biesta, um dos principais cientistas e pensadores contemporâneos.

*Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.

Ciclo de Conferências
Organizado por António Nóvoa

FUTUROS DA EDUCAÇÃO



Towards a Pragmatic (Peircean) Definition of Art

A próxima conferência do Núcleo Páginas Transcendentes, uma colaboração com o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, vai decorrer no dia 1 de Abril. Contará com a participação do Professor Thomas Adajian, que irá falar da definição peirceana, isto é, pragmática de Arte.

A conferência terá lugar no dia 1 de Abril, às 16:00, no Anfiteatro III da FLUL.

Entre museus e pistachios

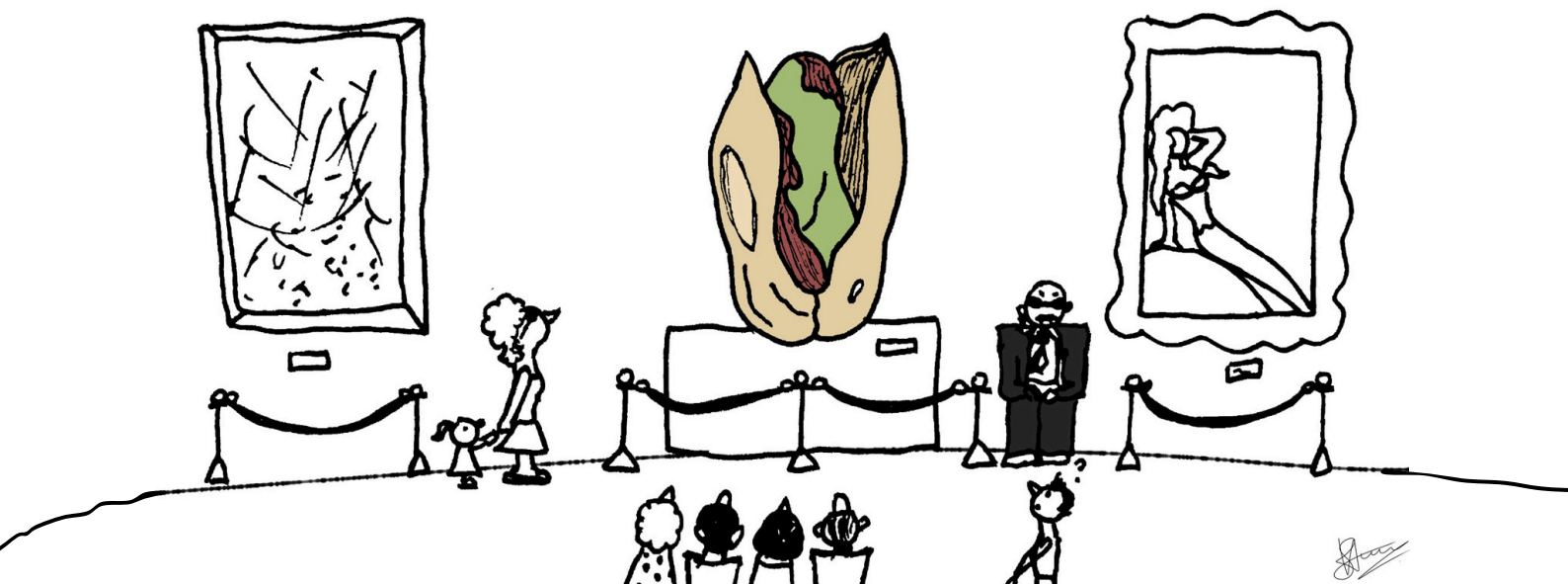
Autoria: Mariana Raminhos
Edição: Mafalda Vale

À porta da minha casa, deslizo a mão pelos bolsos do casaco, numa pequena busca pelo maço. Num ato delicado, estendes-me o isqueiro e, pela primeira vez, cruzámos o olhar perante a conversa. Esta que te apanhou desprevenido, quando te disse que não gostava de ti, mas que tu perseguias infinitamente os meus pensamentos, e, num movimento contra a corrente da maré, encontrei-me a rir da contradição que tinha apresentado. Ambos sabíamos da minha dificuldade em expressar vulnerabilidade, contudo, aquele momento era mais do que isso, era também o teu silêncio, que ecoava com o barulho da chuva. Onde as palavras que não eram ditas permaneciam uma constante dúvida, em que eu própria acabaria por escrever o nosso final.

Ao acender o cigarro, aguento a minha respiração, para que possa sentir o meu próprio coração a bater, quase para ter a certeza de que este ainda me pertence. Houve qualquer coisa no teu olhar que me deu a confirmação de que sabias o que eu estava a fazer, tu sempre procuraste compreender-me por completo. As tuas observações eram bem estudadas, como se fosses o mais dedicado curador e eu o pequeno museu. Gostava de pensar em nós como estas analogias, sentia que simplificavam a complexidade da emoção que fazias surgir dentro de mim, este controlo que só a ti te pertencera.

A chuva parece acalmar e, numa decisão pouco coerente, perguntas como é que correu o meu Natal. E eu, que tinha a resposta preparada, agi menos racionalmente ainda: contei-te a conversa que tive com o meu pai, que, os dois sentados sozinhos à mesa, tivemos um dos momentos mais bonitos que alguma vez presenciei. O meu pai, que num ato simples se via a devorar os pistachios antes da ceia, encontrou-me a tentar descascá-los e imediatamente arrancou a taça das minhas mãos. Intrigada com a situação, perguntei o que é que ele estava a fazer, ao qual obtive a resposta – «Espero que um dia alguém te ame tanto ao ponto de fazer isto por ti também.» Ao ver os frutos secos, pensei em ti e, por momentos, soube que o farias por mim, que todas as discussões que tivéssemos iam acabar contigo a rir e a dizer que não importava, pois no final do dia iríamos ter uma taça para partilhar.

Procuro uma reação tua, mas parece-me que as tuas lágrimas falam mais alto, aquelas que caíram tantas vezes do teu rosto para o meu e que ouviram as promessas de duas pessoas que nunca voltariam a ser estranhas. Ambos sabíamos que não dava para voltar atrás. Talvez o tempo nos entregasse aos braços um do outro. Ao passar-te o meu cigarro, coloco as chaves na porta e, sem olhar para trás, entro dentro de casa.



HERMENEGILDO FERNANDES

O Professor Doutor Hermenegildo Fernandes é o recém-eleito diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde 2022, assume o papel de professor catedrático, mas durante a sua vida assumiu diversos cargos de liderança, incluindo a Direção do Centro de História por 7 anos e a Direção da Área de História por 4 anos. Esta entrevista visa dar a conhecer um pouco mais das suas ambições, opiniões e visões para o futuro da FLUL.

Começemos com uma pergunta mais geral para os alunos ficarem a conhecê-lo melhor, enquanto Diretor. Qual a sua história com a FLUL e que razões o levaram a candidatar-se a este cargo? Que experiências anteriores acha que o prepararam para este papel de liderança?

Creio que o que sintetiza melhor a minha história com a FLUL é o facto de ter sido o meu único emprego. Entrei nesta faculdade como assistente estagiário com 22 anos, tenho agora 59, e, se estiver vivo, é previsível que saia aos 70. Portanto, a FLUL tem sido, de um ponto de vista profissional, toda a minha vida. Atravessei aqui todos os degraus da carreira académica, de assistente estagiário a professor catedrático. Toda a minha investigação foi feita na FLUL. Aqui, orientei bastantes alunos de doutoramento e mestrado. Exerci bastantes cargos, sobretudo no século XXI, dos quais destacaria o de Subdiretor da Faculdade durante a direção do Professor António Feijó, de 2009 a 2013, o de Diretor do Centro de História entre 2012 e 2017, o de Diretor da Área

de História de 2019 até ao princípio de 2024, e daí assumi o cargo de Diretor da Faculdade. Portanto, tenho tido uma sequência de cargos na FLUL e é seguramente também essa sequência que acabou por me trazer a esta cadeira.

Como sabem, eu encabecei a única lista que se candidatou. Logo, não foi uma coisa planeada nem uma decisão pessoal, foi o resultado de um contínuo no exercício de atividades que me trouxeram aqui. Quando se está muito tempo simultaneamente a ensinar, a investigar e a dirigir no mesmo sítio, acabamos por ter ideias quanto a coisas que achamos que devem ser feitas e podem ser melhoradas. Foi nesse sentido que me candidatei, eu tinha uma noção muito precisa. Muitas partes dos meus programas já estavam escritas e pensadas há muito tempo. Muito antes, aliás, de eu saber ou ter a certeza de que me ia candidatar. Por isso, candidatei-me para executar esse programa.

No entanto, tem de se reconhecer uma coisa – devo dizer – de caminho insensível. O caminho também decide por nós, de certa forma. Pode

« [U]ma das obrigações das Humanidades e das Ciências Sociais também é restituir o pensamento crítico e funcionar como uma espécie de consciência crítica, atuante da sociedade. E uma das bases dessa consciência crítica é justamente a aceitação da diferença e da diversidade, e, julgo, que a Faculdade de Letras é um bom exemplo disso mesmo.»



dizer-se que a FLUL tem sido a minha vida, embora eu não tenha feito a licenciatura ou o mestrado aqui. Fiz ambos na NOVA FCSH, com pessoas que, quando eu me licenciiei, tinham vindo há pouco tempo da FLUL. Portanto, mesmo sem eu saber e mesmo tendo me licenciado noutra instituição, a FLUL esteve sempre na minha existência. Eu sou medievalista e o meu universo mental estava povoado por personagens, alguns das quais já tinham morrido e tinham sido professores da FLUL e sou, no fundo, discípulo dos discípulos dessas pessoas. Em certo sentido, também foi um retorno a casa. Depois dei aulas noutra universidade durante três anos, mas foi através de um acordo que a FLUL tinha com essa instituição, na Universidade de Rabat, em Marrocos. Dei aulas muito pontualmente na Universidade Católica, nos anos 90, também através de um acordo que a FLUL tinha. Posteriormente, no Instituto Superior Técnico, também muito pontualmente durante os anos 90. Na verdade, tudo vem ter sempre à FLUL.

Quais são os valores da faculdade que considera mais importante preservar ou proteger durante o seu mandato?

Isso é uma pergunta difícil porque definir valores que individualizam uma instituição é um problema complexo. Eu diria que as expectativas que tenho, e os valores que identifico na FLUL – uns concretizados, outros ainda em fase de concretização – podem ser partilhadas pelas instituições académicas que sejam dignas desse nome. O primeiro dos valores talvez seja a noção de continuidade. E isso é talvez menos aparente para os alunos, mas é seguramente para os docentes. A ideia de que há [uma continuidade]. Depois, vai sendo cada vez mais aparente para os alunos, à medida que passam para pós-graduações e que se vão apercebendo, no fundo, de que a academia é sobre cadeias de transmissão. E isso está em parte nos livros, mas está em grande medida no contacto direto entre professores e alunos. E, portanto, essa ideia de que nós fazemos parte de uma cadeia de transmissão invisível, que nos leva um pouco como os pianistas. O Sequeira Costa, aluno do Viana da Mota, o Viana da Mota, aluno do Liszt... Eventualmente, quando se ouvia o Sequeira Costa, talvez ainda se estivesse a ouvir o Liszt. Essa é a ideia. A ideia de que há alguma coisa que fica, que permanece e que os nossos mestres deixam em nós coisas que nós reelaboramos e que transmitimos de maneiras diferentes aos

nossos discípulos.

Portanto, a continuidade é efetivamente um valor muito importante. E é mais importante, ainda, quando se está numa instituição muito antiga. Aliás, este gabinete está rodeado de História. Por trás de vós tem uma tapeçaria que celebra a fundação da Universidade em Lisboa. Aliás, isso é uma das minhas áreas de trabalho, de especialidade. A primeira Universidade portuguesa é a Universidade feita em Lisboa e ficou em Lisboa quase sempre até 1537. Aqui também temos o retrato do fundador, D. Pedro V, do Curso Superior de Letras. Portanto, estar numa instituição com mais de 160 anos dá-nos uma noção muito precisa de continuidade. Talvez eu, sendo historiador, esteja bastante atento ao tempo. Creio que isso seja uma responsabilidade específica da FLUL, que, para todos os efeitos, é a faculdade de Letras mais antiga do país, que nunca suspendeu a sua atividade, que se manteve sempre em exercício, que só teve, aliás, duas sedes, uma no primeiro século da sua História e outra desde 1958, e que habita espaços particularmente qualificados. A recente classificação do edifício como monumento nacional dá-nos muitas responsabilidades também. Então, há alguma noção, essa continuidade, que está associada a outra ideia, que é essa ideia da responsabilidade pelo legado, pela História e pela importância da Faculdade. Eu acho que essa responsabilidade deve estar na cabeça de toda a gente em todos os corpos: o corpo docente, o corpo discente e o corpo de funcionários. E acho que é bom que o Diretor da Faculdade esteja muito consciente disso.

Assim, essas seriam duas coisas muito ligadas: a continuidade e a responsabilidade. E a terceira coisa, eu diria, é a diversidade. Esse ponto é também muito importante. Eu sou muito adverso a modelos únicos. Acho que uma das obrigações das Humanidades e das Ciências Sociais também é restituir o pensamento crítico e funcionar como uma espécie de consciência crítica, atuante da sociedade. E uma das bases dessa consciência crítica é justamente a aceitação da diferença e da diversidade, e, julgo, que a Faculdade de Letras é um bom exemplo disso mesmo.

E queria fazer passar um pouco isso também para a esfera pública, bem como para o próprio governo da Faculdade. Nós vivemos numa sociedade altamente regulada e espartilhada, e as pessoas da vossa idade não têm consciência disso. Nós, que somos bastante mais velhos, vivemos noutro mundo que era muito menos regulado. Havia muito menos formulários, era tudo muito menos quadriculado.

Era também tudo muito menos vigiado. Isso tinha, evidentemente, coisas más, mas também tinha coisas boas. E, portanto, não pretendo recuperar esse mundo, de todo. E, aliás, não se pode viajar no tempo, nem num sentido nem noutro, já provou o Einstein. O que pretendo, seguramente, é manter espécie de possibilidades em aberto, apesar da regulação. E isso tem que ver com modelos diferentes de fazer os cursos. Por exemplo, alguns cursos, como Línguas, Literaturas e Culturas, e Artes e Humanidades, estão organizados em Majors e Minors, como sabem. Há outros que não estão e vão continuar a não estar. Houve uma altura na qual se tentava que todos os cursos estivessem organizados em Majors e Minors, mas alguns de nós resistimos a isso. Por oposição, se agora a Tutela me viesse a dizer «Não, isto não convém nada porque isso perturba muito os sistemas informáticos», eu vou resistir a isso e vou dizer, «Não, não! Os cursos estão organizados em Majors e Minors e, até haver melhor opinião, vão continuar a estar». Isto porque estão a funcionar bem e permitem, em certas áreas do saber, uma liberdade de escolha seguramente desejável, que, talvez afetasse ou noutras áreas do saber ou o core da formação, o seu núcleo duro. Isto é um exemplo da diversidade que eu queria manter aqui dentro. Diversidade, abertura ideológica, abertura às correntes contemporâneas da sociedade em todas as suas dimensões.

No seu discurso de tomada de posse, fez referência a um mandato focado em quatro pilares fundamentais: «Edifícios, Ensino, Investigação e Serviços». Sobre o tópico Serviços: uma das maiores queixas dos alunos é a pouca disponibilidade dos Serviços Académicos (SA), que funcionam em horários reduzidos e cujos processos são, regra geral, bastante demorados e difíceis. De que modo pretende colmatar estas falhas? Como se pode garantir uma maior eficiência dos mesmos, bem como a sua adequação às necessidades dos estudantes?

É uma questão sobre a qual temos vindo a refletir. Como vos disse, era diretor da área de História, era eu quem estava encarregado de supervisionar a distribuição de serviço de docentes e também era minha a nomeação dos diretores de curso. Logo, tinha uma relação relativamente próxima com estas questões e tenho opiniões também sólidas sobre isso e

estão mudanças a serem ensaiadas. Eu não gosto de mudanças bruscas, porque me parece que se deve perceber precisamente o que se deve fazer e só depois implementar. Então, a questão dos horários é seguramente uma questão a afinar e a alargar não só para os alunos. Os SA são os serviços que dizem respeito aos alunos, mas isso repercute também noutros serviços e, aí, para os docentes centralmente. Portanto, alargamento do horário, seguramente.

Depois, há uma questão que está, a meu ver, a montante de muitas outras coisas, embora isso talvez não seja completamente perceptível para vós, que é o espartilho do Fénix; porque muitas das decisões são tomadas em função do Fénix, e já a filosofia que transmitimos é a contrária. O Fénix é uma aplicação, ou como se dizia no meu tempo, um programa, e o programa tem de fazer aquilo que nós mandamos fazer e não nós fazermos o que o ele nos permite fazer. Os programas são programados, é a sua natureza e é a filosofia que começámos a tentar implementar e acho que vai dar frutos em breve. Como era costume, temos um subdiretor para os Serviços Académicos e talvez a novidade seja que esse subdiretor está praticamente só com os SA. É o professor Jorge Revez e é uma pessoa da área das Ciências da Informação e, portanto, está habituado a lidar com grandes massas de dados; aliás, foi por isso e pela sua competência que foi nomeado para esse departamento e acho que está a trabalhar depressa.

Entretanto, a Chefe de Visão anterior mudou-se para a Reitoria e, portanto, temos uma nova chefe. Estamos sobretudo apostados em robustecer os SA do ponto de vista dos efetivos, sendo que estes têm também, no seu interior, embora isso não seja tão visível para os alunos, a não ser para os da pós-graduação, uma coisa muito importante chamada Núcleo de Secretariado das Áreas. Todas as teses correm por esse núcleo e é aí que se concentra o despacho do científico. Como eu fui responsável pela amputação do núcleo ao nomear para minha Chefe de Gabinete a coordenadora do núcleo e ao nomear para Diretor Executivo um dos funcionários do núcleo, o professor Ricardo Reis, já tratei de os substituir e estou a tratar também de colmatar nos académicos as falhas deixadas por essas correções. É uma espécie de efeito dominó. Espero que esta filosofia diferente possa também ter repercussões.

Uma coisa também importante para mim é a cobrança das propinas. Isso não afeta os alunos de licenciatura, pois os alunos são bolsheiros SASUL - há muitos bolsheiros SASUL na Universidade de Lisboa e na Faculdade de Letras, que é das faculdades, se não a faculdade, com mais bolsheiros deste género. Porém, nas pós-graduações há bolsheiros de natureza diferente, e, em especial, há alunos de doutoramento com bolsas da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Ocorreram distorções com cobranças coercivas de propinas a alunos bolsheiros de doutoramento. Como a FCT às vezes demora a transferir a verba, o aluno era e é dado em falta no Fénix. Já aplicamos medidas para eliminar essas cobranças injustificadas. A situação já estava a ser corrigida e era muito importante.



Em relação aos SA, são uma divisão realmente muito importante na Faculdade – assim como as restantes divisões – mas digamos que os SA e a divisão de Apoio à Investigação são divisões de contacto por excelência. Isto porque de um lado estão as relações com os alunos e no outro estão as relações com a investigação feita na faculdade. As outras divisões, também importantes, fazem funcionar o sistema e não são visíveis do ponto de vista dos alunos.

Muitas universidades portuguesas têm programas e projetos para incentivar o empreendedorismo. Por exemplo, na Universidade de Aveiro há um projeto interessante para promover o conhecimento entre jovens, em que estes lançam *workshops* para ensinar temas em que são especialistas a outros jovens. Mesmo sendo algo mais comum em universidades de Economia e Ciências, considera benéfico ou possível criar este

tipo de programas na FLUL?

O que tem havido aqui na FLUL são coisas na área do voluntariado, isso também em ligação com os serviços. Tem havido também algumas iniciativas do interior dos centros. Ou seja, dos jovens que já estão integrados em centros, normalmente, não ao nível da licenciatura, embora haja voluntariado no nível dos próprios centros. O centro que eu dirigi, por exemplo, teve voluntariado, e outros centros também o têm.

Essa situação do voluntariado é uma situação importante, mas o que me está a dizer é uma coisa, no fundo, completamente diferente, que tem que ver com o incentivo à produção e transmissão de conhecimento. Também há iniciativas que têm sido sobretudo dominadas pelos centros, e eu acho que é bom haver sempre juízo e incentivo por parte da direção, de haver uma coisa de baixo para cima, de haver algum efeito orgânico. De facto, não tem havido na nossa área de conhecimento coisas parecidas com incubadoras de ideias, como acontece, por exemplo, no Instituto Superior Técnico. É uma ideia que podemos vir a tentar implementar. Não estava no programa porque este tinha algumas fixações – digamos – e isso corresponde também ao meu perfil: ter algumas fixações centrais. Há uma coisa que em alguns centros já se faz, mas isso é mais exposição da investigação que está a ser feita. Por exemplo, no Centro de História, temos «balões de ensaio». É, no fundo, para os jovens promoverem as suas teses, e serem organizadas deles para eles.

Mas parece-me que não há nenhuma razão para não haver estímulo à produção de ideias até para a criação de produtos com aplicação empresarial, que podem vir no interior das Humanidades. De facto, não me tinha ocorrido, mas estas conversas servem também para isto.

Os núcleos estudantis constituem uma parte importante da vida académica dos nossos estudantes. Tem alguma medida no seu programa que vise aumentar o apoio aos mesmos?

No programa não tenho, mas as medidas não ficam restritas ao que lá escrevi. Espero conseguir concretizar tudo o que propus, mas aquilo não é a Bíblia, não estou vinculado a fazer só o que lá está. Estou bastante atento à atividade dos núcleos, tenho tido contactos ao longo dos últimos anos com vários. Posso citar o Núcleo de Estudos Asiáticos, com quem tive

alguma relação. Assisti também à formação de outros núcleos na minha própria área de origem – que não foi, aliás, pioneira a fazer os núcleos – e creio que os núcleos têm um papel absolutamente determinante, sobretudo em cursos que não são tão lineares assim. Em cursos muito lineares, o núcleo existe por si mesmo, de certa forma, porque há uma grande estabilidade. São sempre as mesmas pessoas do princípio ao fim. Em cursos que são muito transversais e que têm possibilidades quase infinitas de composição, como é o caso de Artes e Humanidades e de LLC, os núcleos têm efetivamente uma função determinante.

Depois, tinha um conhecimento bastante restrito de outros núcleos que me foram revelados pela reunião com a AE, que já tive. E percebi que os núcleos, ou pelo menos muitos deles, estão integrados na AE ou estão ligados de alguma forma à mesma. E, portanto, digamos que o apoio programável para esses núcleos, para além do apoio às iniciativas que eles entendam fazer no interior do espaço da faculdade, tem evidentemente que ver com a cedência dos espaços, e também com o apoio através do financiamento da segurança quando os eventos ocorrem ao fim de semana. E estou a falar de coisas que já autorizei. O apoio seria, preferencialmente, canalizado através de um auxílio próximo à AE.

Já tive uma reunião com a Associação para melhorar os espaços, e já visitei alguns deles, nomeadamente um que está concedido a uma das tunas, que era o espaço dos velhos Letrinhas. Originalmente, foi planeado para ser a creche da FLUL, e assim foi até esta ser transferida para o novo edifício, onde depois chegou ao fim. A creche era, aliás, um encargo brutal para a AE, que limitou muito a sua ação e a endividou muitíssimo. Portanto, a creche original necessita de intervenção e de obras, que vamos fazer. Aliás eu já a visitei pessoalmente e está num estado verdadeiramente miserável. Eu não sabia que havia sítios em estado tão miserável e eu conheço muito bem o edifício porque, quando fui subdiretor, fiz um levantamento do edifício todo! No entanto, já deixei este cargo há bastante tempo. Há 11 anos. E, entretanto, houve coisas que se degradaram e eu não tinha noção do ponto a que se tinha efetivamente chegado. Foi feita, nos últimos largos anos, uma obra muito consistente, que eu tenho de elogiar, pelos meus predecessores, mas em particular pelo Professor Miguel Tamen, o último diretor,

de recuperação de parte do edifício. Há obras importantes que já foram feitas, mas temos de continuar e há sítios nevrálgicos de intervenção. Eu diria que o sítio nevrálgico de intervenção do edifício neste momento são as caves, todo o piso 0, que está num estado de degradação total, e isso acontece evidentemente também com esses espaços da AE. Portanto, uma das coisas elementares a fazer para apoiar as atividades dos núcleos, e todas as outras, seria melhorar as condições de habitabilidade. Mais do que financiar atividades, que às vezes se fazem com poucos recursos e portanto não precisam de grandes financiamentos, o meu plano é dar condições de habitabilidade dignas dos estudantes e do edifício, que é classificado. Este é um aspeto muito importante e estende-se, aliás, a outros domínios, como o mobiliário das salas de aula, os computadores das salas de aula – com as quais os docentes também penam – o tempo de arranque do computador, que vos tira quatro ou cinco minutos de aula, o mobiliário péssimo. Todos nós sabemos disso e, portanto, faremos o que pudermos.

Temos, ao mesmo tempo, compromissos financeiros enormes, com a construção do novo edifício, e isso é uma grande parte de restaurar as condições de habitabilidade. O novo edifício dará uma nova imagem à faculdade, mas não nos servirá de nada se não integramos os três edifícios. O edifício dos anfiteatros é um cancro insolúvel, e vamos tentar ter um programa de mitigação, que custa muito caro, porque aquilo tem infiltrações gravíssimas. Existem na garagem, que [os alunos] não frequentam, mas também noutros sítios que frequentam, como o passadiço entre o edifício central e o edifício da biblioteca. Mesmo esse apresenta problemas graves de execução, ao contrário deste. Este é um modelo de boa construção, por isso está em muito melhor estado, embora seja 40 anos mais velho, e é muito mais fácil de reabilitar, e mais barato!

Referia na sua candidatura, sobre o edifício que virá substituir o pavilhão novo, que «toda a execução decorrerá no próximo mandato». Tem alguma estimativa de quando estará pronto o novo edifício?

Tenho, sim. O concurso da adjudicação da obra já ocorreu, e houve bastantes candidatos. Agora a Reitoria é que é a cliente, não somos nós. As decisões que foram tomadas aqui foram tomadas sobre o projeto. O resto é a Reitoria que trata. Segundo informações recebidas, julgo não

estar a fugir excessivamente à verdade se disser que tenho a expectativa de que a obra do edifício comece ou no verão ou no começo do outono porque depois há coisas intermédias, prazos, o tribunal de contas, etc. A engenheira da Reitoria que vai supervisionar os trabalhos deu-me como prazo de execução 18 meses. Eu sou sempre cético quanto aos prazos de execução e acho que talvez seja um pouco mais do que isso. Portanto, com uma perspectiva realista, eu diria que dois anos e o edifício estará construído. Haverá depois que o equipar, e é um grande esforço do ponto de vista da Faculdade, mas vamos ter um belíssimo edifício novo que substitui com muita vantagem o chamado Pavilhão Novo. Vai ter sensivelmente o mesmo número de salas de aula, mas é outro mundo em termos de equipamento e qualidade.

Vai ter também uma outra coisa que o Pavilhão Novo não tinha, como tem um piso superior. Aliás, tem dois pisos acima, um integral e outro parcial. Vai ter uma grande quantidade de gabinetes. Gabinetes para cerca de 150 professores, o que é muito bom, visto que isso é uma deficiência muito grave da Faculdade. Depois, ainda vai ter um outro piso superior onde se vão alojar alguns organismos e institutos da faculdade. Ao mesmo tempo, isso permite-nos descomprimir e rearrumar o edifício central, entregar todo o edifício da biblioteca à biblioteca e restituir o espaço do edifício central à sua origem. Por exemplo, criar uma Sala de Atos para doutoramentos e mestrados, mas essencialmente para doutoramentos, e já tenho um espaço e contrato para isso, numa antiga sala que tinha sido subdividida. É uma sala muito grande, dava para cerca de 100 alunos, e que dá para o pátio grego. Foi dividida há muito tempo. Eu, aliás, nunca a conheci sem ser dividida, e tem um potencial enorme! Isso pode fazer-se porque o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa vai passar para o novo edifício. Além disso, também queremos restituir a antiga biblioteca da Faculdade à sua condição original, como está em Direito. Todas aquelas salas divididas na antiga biblioteca, por cima do átrio, era uma sala só e era espetacular. Aliás, sala que eu conheci bem e onde ainda trabalhei bastante. A ideia é restituí-la a uma espécie de Great Hall, uma espécie de Aula Magna no interior do edifício, que pode ser usado para eventos, reuniões, atividades com os alunos e que, eventualmente, pode ser usado

de forma mais permanente como sala de estudo desde que o mobiliário possa ser removido. Portanto, há um programa muito integrado, há uma grande oportunidade aqui, vamos ter é de ter alguma paciência com as obras durante uns dois anos porque vai haver algum pó e também algum ruído. Mas vale a pena!

Existe alguma intenção de, durante o seu mandato, re-abrir os mestrados em Ensino na FLUL?

Exato, na FLUL temos um único Mestrado em Ensino, no caso em História, porque a Área de História resistiu e não fechou, muito por graça e obra do professor Miguel Monteiro. Mas a FLUL vai ter outra vez Mestrados em Ensino. Isso é um ponto do meu programa, aliás. Nós vamos recriar os Mestrados em Ensino em todas as áreas pertinentes, essencialmente os Mestrados em Português, nas Línguas e na Filosofia e temos contacto já com a Reitoria e com o próprio Ministério para a reabertura dos mestrados, com o qual, devo dizer-vos, já nos comprometemos. Comprometemo-nos com a duplicação das vagas do Mestrado em Ensino da História de 15 para 30 porque o Mestrado tem 80 e tal candidatos e com somente 15 vagas é infernal. Deixava fora pessoas de grande qualidade. É certo que se pode dizer que todos os alunos que entravam eram extraordinários – e eram – porque havia 80 e tal licenciados a concorrer e ficavam 15. Isto, de facto, não corresponde às necessidades do país.

Acho que isto é uma boa novidade. Será muito rápido porque é uma emergência nacional e neste momento a Faculdade tinha deixado a Universidade NOVA a trabalhar sozinha nesse domínio, abandonando a clássica área de formação da Faculdade de Letras. A NOVA também não tem, de todo, capacidade para aguentar sozinha. Na área de Lisboa vão ser precisas, pelo menos, duas universidades, e nós sabemos isso. Assim sendo, vamos fazer a nossa parte, que é muito importante. No ramo do ensino secundário, a minha geração está a chegar à reforma. Ninguém no secundário ensina com 70 anos, e os docentes têm de ser muito rapidamente substituídos. Isso é, evidentemente, uma atividade que sempre foi exercida pelos licenciados em Letras e que tem de continuar assim. Até porque estamos conscientes que no mercado de trabalho atual em Portugal, os salários são muito baixos em quase tudo, sendo os salários no ensino

secundário não entusiasmantes, mas não são tão maus assim por comparação a outras atividades também desempenhadas por licenciados. Assim sendo, é querer que haja alguma inclinação para essa possibilidade de carreira. Devo dizer que sou particularmente atento a isso porque nasci na escola. A minha mãe era professora do ensino secundário, e, portanto, tenho uma sensibilidade grande com a profissão.

A AEFLUL tem feito um trabalho de auscultação dos problemas dos alunos. Alguns dos problemas mais mencionados pelos mesmos foram a falta de espaços para comer, conviver e desenvolver atividades de associativismo estudantil; a falta de tempo para o fazer, nomeadamente pela falta de intervalos ao longo do dia e os preços excessivos da comida nos bares. Tem em mente alguma medida que vá ao encontro destas preocupações?

Eu já falei sobre estas questões com a Associação de Estudantes. Relativamente à falta de espaço para comer, a Associação pediu um e, na verdade, depois de inventariar e de passar todos os espaços em revista, percebemos que estamos muito limitados de espaço neste momento. Isto porque nos apertámos no edifício central devido à desativação do Pavilhão Novo. Temos menos 23 salas de aula, portanto, não é possível inventar espaço. O que eu também sugeri foi que o espaço de convívio da Associação fosse mais bem equipado e que, aliás, também precisa de obras de conservação que, idealmente, deveriam respeitar alguns dos murais que lá foram feitos, embora alguns já se encontrem num estado avançado de deterioração que não sei se será possível recuperar. A ideia, de momento, seria equipar melhor aquele espaço, pois a AE também se queixou da má qualidade dos microondas, por exemplo, e equipar a sala com mobiliário mais uniforme que dê uma outra dignidade ao espaço. Por outro lado, o espaço tinha uma zona de bar que talvez depois possa ser aproveitada para instalar essas áreas de aquecimento de comida, gerida pelos próprios alunos, porque não há nenhum concessionário instalado lá neste momento.

A Associação de Estudantes sugeriu utilizar o bar velho, mas na verdade, não será possível, pois esse bar está a concurso. Há, pelo menos,

um concorrente, mas ainda não houve oportunidade de ler a proposta, pelo que não podemos ceder esse espaço, até porque vai ser alvo de obras importantes para se tornar operacional, e para ter o mínimo de condições de dignidade que podemos observar na faculdade da frente [Faculdade de Direito]. Fui a essa faculdade numa missão exploratória, tipo National Geographic, e, de facto, há um grande contraste, e não há nenhuma razão para isso. Uma questão muito aborrecida é a contratação pública, que nos obriga a abrir concursos para abrir esses bares. Mas isso não pode servir de desculpa porque se outras faculdades têm, nós também conseguimos. Vai ser necessário algum tempo porque se deixou chegar isto a uma situação muito difícil.

Por outro lado, neste momento é evidente que todos os três bares existentes fazem parte do mesmo concessionário, e isso talvez esteja relacionado com a política de preços. Quando se concessionaria, é sempre possível fazer alguma negociação dos preços, embora deva dizer que alguns dos concursos que fizemos para o bar velho ficaram desertos.

Temos de estudar melhor os casos de sucesso, mas creio que uma das coisas em que mais insistiria é numa política concorrencial: tem de haver concorrência no interior da faculdade para que isso se reflita na política de preços. Quando os contratos depois chegarem ao fim, a Direção tem alguma capacidade, diria eu, para negociar preços. Uma das coisas de que os vossos colegas me falaram é haver uma refeição social. Evidentemente, nós podemos impor a um concessionário ter uma refeição social. A questão é se depois o concessionário vem para a Faculdade. Eu tenho alguma dificuldade em aceitar que o neguem porque em Direito foram. Sendo esse o caso, porque não aqui? É claro que a Faculdade de Letras também deve usar o mais possível a sua proximidade geográfica à extraordinária cantina, do ponto de vista arquitetónico, também, da universidade. Só há duas escolas que estão tão perto da Cantina, a FLUL e a FDUL. Eu acho que os alunos de Letras devem ser estimulados a usá-la, porque se eles não a usarem, quem vai? Para concluir, em relação à política de preços, reconheço que os preços praticados são muito acima do que um estudante médio poderá pagar, tendo em vista sobretudo a percentagem de alunos SASUL.

Em relação aos intervalos, de facto, nunca

houve intervalos. Havia intervalos informais, pois quando as aulas eram de duas horas, na verdade duravam cerca de 1h45 ou 1h50. Isso não estava muito regulado. Havia professores que começavam à hora e acabavam mais cedo as suas aulas e outros que começavam mais tarde e terminavam à hora. Iniciei há pouco o 38º ano letivo e nunca houve essa regulação durante este período. Eu diria que vai ser muito difícil mexermos nos horários antes de termos o novo edifício. Quando tivermos o novo edifício, o Conselho Científico tem de decidir se vai voltar às aulas de duas horas ou se ficamos pelas de 1h30, mas já teremos mais liberdade. No entanto, com aulas de 1h30, não é possível criar intervalos. Ainda que às vezes encontremos salas vazias, do ponto de vista do mapa, as salas estão praticamente todas preenchidas, pelo que não é possível alargar o horário para duas horas, a não ser que decidíssemos ter aulas aos sábados no dia inteiro, o que, reconheço, não é razoável, pois há muitos alunos que moram fora de Lisboa e que trabalham aos fins de semana.

Desde que a Reprografia Vermelha fechou, a AEFLUL tem fornecido um serviço mínimo de impressão e fotocópias. No entanto, esta era, supostamente, uma solução provisória. Há alguma previsão de quando voltaremos a ter uma reprografia?

A Reprografia Vermelha fechou, não porque o Diretor anterior quisesse que ela fechasse, mas porque, de facto, ninguém queria ali estar. As pessoas que tinham o concessionário não quiseram continuar. Provavelmente não têm noção, mas as reprografias já foram uma espécie de gigantesca fábrica. Há 30 anos, há 25 anos, tinham uma atividade exfusante, havia sempre cópias a serem feitas. As teses eram entregues todas em exemplares, feitos na reprografia; todos os trabalhos nas disciplinas eram entregues em papel; todos os materiais de apoio das disciplinas eram fotocopiados, cada professor tinha o seu caderno de apoio. Eram três reprografias. O que acontece é que o mundo mudou, muito radicalmente. Tudo é desmaterializado. Por exemplo, mesmo os concursos dos professores, para progredir na carreira – para auxiliar, associado, catedrático – as pessoas tinham de entregar materiais, eram caixotes de materiais, com a bibliografia reproduzida. Tinha de se entregar 15 exemplares de cada e era tudo feito ali. Agora

os concursos são todos feitos de forma desmaterializada; as entregas de teses, idem; os professores põem as coisas na plataforma *Moodle*, e agora também no Fénix. E, portanto, o movimento sofreu uma descida brutal.

O que nós nos propomos a fazer é tentar, por um lado, chamar e ver se alguém morde o isco, mas não estou certo, no entanto, porque é um negócio. Mas, mesmo que não mordam, a ideia é colocar ali fotocopiadoras e digitalizadores. Eu acho que os digitalizadores são ainda melhores que as fotocopiadoras porque as fotocopiadoras vão ser sempre a pagar, com cartão; os digitalizadores vão ser gratuitos, mandam para o vosso *mail*, e isso resolve o problema, ou, pelo menos, mitiga-o. A generalidade de vós, se tiver em suporte digital, melhor, não é? Na verdade, não precisam de ter papel. Sou bastante defensor das causas ecológicas e sou muito anti-consumo de papel. A minha ideia, também, é reduzir drasticamente o consumo de papel na faculdade e desmaterializar o mais possível.

Uma questão também sentida pelos alunos é a falta de acessibilidade do edifício principal, uma vez que o elevador está frequentemente avariado e não são oferecidas outras soluções. Nestas circunstâncias, como é que se pode garantir a acessibilidade dos alunos com mobilidade reduzida à faculdade?

Para mim, o elevador estar avariado é totalmente inaceitável e isso não pode voltar a acontecer. Em minha casa, se se avariam, chama-se a empresa, não é? Houve aqui um problema com um contrato, mas não pode voltar a haver problemas desses. Os elevadores agora estão funcionais e têm de ser mantidos funcionais. Nos serviços, acho que toda a gente percebeu muito claramente essa mensagem.

Depois, em relação às outras acessibilidades, é uma coisa mais complexa. Tem que ver com a preparação de edifícios que não foram preparados inicialmente para terem acessibilidade. Já foi feito um trabalho importante no edifício central, por exemplo. Por indicação direta de um aluno, já resolvemos parte do problema no edifício da biblioteca, vamos mandar pôr uma cancela nova de entrada, que já foi encomendada.

Aparentemente, há um problema com a

cadeira de rodas porque na biblioteca existe um elevador que não é vertical mas que acompanha as escadas e não aguenta cadeiras de cadeiras elétricas, segundo o que me disseram, porque são demasiado pesadas. Portanto, já determinei a compra de duas cadeiras de rodas manuais, que são uma espécie de cadeiras de rodas de serviço, que a faculdade disponibilizará para que os alunos mudem da elétrica para a manual, para poderem circular pela biblioteca. É apenas uma medida de mitigação porque o que já esteve a ser estudado e vai ser feito desta vez é a construção de um elevador, uma caixa de vidro, nas escadas da biblioteca, que permita o acesso a todos os pisos, incluindo os mais amenos.

Por enquanto, vai haver cadeiras de rodas de substituição; depois, a construção do elevador, é uma coisa mais demorada porque implica um projeto de engenharia que implica furar as placas. Mas a ideia é construir um elevador de vidro que não afete a arquitetura do edifício e que permita a comunicação. Foi feito um projeto na base, mas nos anos 90 não havia estas especificações de acessibilidade, até porque se considerava genericamente, até ao final do séc. XX, que as pessoas com algum tipo de deficiência eram “pessoas deficientes” e não havia uma preocupação social.

Quais são suas propostas para melhorar a experiência dos alunos no que diz respeito aos serviços de apoio psicológico?

Os serviços de apoio psicológico têm que ver com o Núcleo de Apoio ao Aluno [atualmente NOCAE]. Eu sei que a saúde mental é um problema global que sempre existiu, não é novidade, mas talvez a nossa sociedade, que é muito fechada, o tenha acentuado. É muito solipsista, é muito solitária, em frente aos computadores e aos telemóveis, o que seguramente acrescentou. Por outro lado, os próprios telemóveis também são uma fonte de perturbação que as redes sociais evidentemente alimentam. Eu não frequento as redes sociais, não me interessa saber o que dizem de mim, mas as minhas filhas frequentam. As instituições de Ensino Superior e, aliás, a sociedade no seu conjunto, não estão equipados para fazer frente aos problemas de saúde mental, que são, evidentemente, mais comuns em idades mais voláteis.

Não temos ainda um programa; eu queria reunir com outros diretores de escola, nomeadamente, com escolas onde existe essa área de trabalho, da Psicologia e da Psiquiatria. São os dois interlocutores com quem queria reunir para ter mais algumas respostas e soluções. Mas, efetivamente, ainda não tenho, para além das que já existem. Já existe algum acompanhamento, já que foi feito um esforço, nas últimas décadas, muito importante nessa direção. De facto, a situação é completamente diversa hoje, os professores recebem indicações prévias quando há problemas físicos ou psíquicos. Por outro lado, também passaram a chegar à Faculdade uma tipologia de alunos que têm problemas específicos desse ponto de vista, que não são patologias localizadas mas são coisas originais, que vêm com eles mesmos, e isso é sempre devidamente sinalizado. Aliás, esses alunos integram um quadro de alunos com necessidades educativas especiais. O ponto sendo, no entanto, que as faculdades não estão de todo equipadas para produzir um ensino personalizado para cada um desses alunos. Mas isso é uma questão diferente da que me colocaram. A que me colocaram não são esses alunos; são alunos que não têm essas patologias de origem mas que, ainda assim, necessitam de apoio psicológico – como, eu diria, a maior parte das pessoas ao longo da vida acabará eventualmente por necessitar. Eu estou muito consciente disso e tenho, aliás, muita sensibilidade para essa questão, mas, de facto, não tenho ainda respostas precisas.

Em nome da equipa do Jornal O Cola, agradecemos mais uma vez a sua disponibilidade para a realização desta entrevista e pela atenção nas suas respostas, assim como o tempo que nos dedicou.

Entrevista por:
Carolina Franco e Alexandra Piedade

Quando o servil herói vira hidra

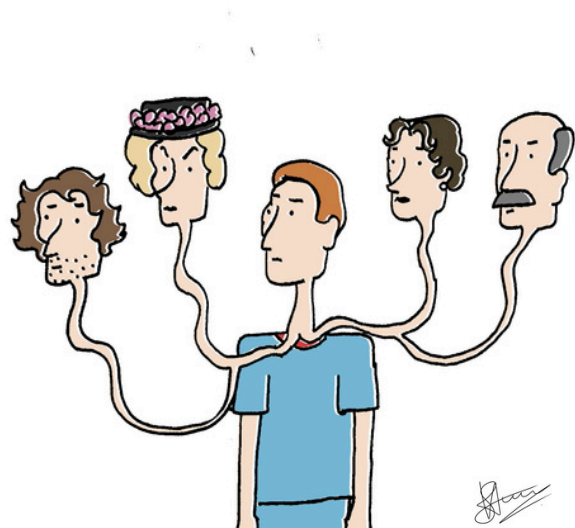
Autoria: Clara Raposo
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Nobre Bastos

Quando o servil herói vira hidra,
Quando o forte fogo faz a feia fera,
A casa cobre-se em violenta hera
E da branca laranjeira nasce cidra.

Atirada para o chão, que, só, chora
Entre paredes procurando por luz,
Quase a acalmar os desvarios nus,
Sente a maçã negra a matar agora.

E, do jovem que cantava com paixão,
Nada sabe na sua solitária prisão
Que a ingloriosa fama longe a tranca.

Faz da honra da amada lenta perdição
E, rudemente, imitando-o outros farão
Rasgos de pez e paus na pomba branca.



Encontro de Orquestras Académicas

O Encontro de Orquestras Académicas, com a participação da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa, Orquestra Médica de Lisboa e Orquestra Académica da Universidade de Coimbra, tem lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no dia 5 de maio, às 18h, e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.



Para mais informações, consulta a agenda cultural da Universidade de Lisboa.

Medo d...

Autoria: Rita Coelho
Edição: Ricardo Cerdeira

Medo do meu possível fragmento,
Medo da minha ferível convicção,
Medo do meu passível falhanço,
Medo da minha falível comoção.

Medo do terrível passado vivido,
Medo da punível apatia presente.

Medo do temível futuro falido,
Medo da penível agonia corrente...

Uma Educação em Colapso: Perspetivas de e para um Jovem Estudante

Autoria: Jorge Araújo
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Nobre Bastos

Greves atrás de greves, baixos salários, professores contratados sem sequer uma licenciatura, provas de aferição miseráveis, o peso da burocracia e uma carreira docente nada atrativa. Eis o panorama educativo português.

Os resultados nacionais das provas de aferição de 2023 acabaram de sair fresquinhos, e os dados não são animadores. Aliás, são um tanto chocantes: à História e Geografia de Portugal, só 0,7% dos alunos com 10-11 anos de idade «conseguiram» demonstrar conhecimentos no módulo «A península Ibérica – Localização e Quadro Nacional». Os restantes ou revelaram dificuldades (27,6%) ou não conseguiram/não responderam (66,7%). A Português, os dados não são melhores: a «Leitura e Educação Literária» revelaram dificuldades em 47,8% dos alunos, e o total falhanço de 27,4%. Nem é preciso dissecar as provas de Matemática do 8º ano, cujos dados são catastróficos a geometria e a números e operações.

Os dados são, no mínimo, preocupantes e reveladores, não só de que provas que não contam para a nota final e com as quais nem alunos nem pais se preocupam não servem para aferir coisa nenhuma, mas também são espelho do estado do ensino em Portugal.

Tenho 20 anos, estou a terminar uma licenciatura em Línguas que desambigua numa possível carreira docente, mas esta opção nunca pareceu tão longínqua para muitos de nós.

Sou de uma geração que, em 12 anos de educação pública, não teve professores abaixo de 35 ou 40 anos. Os que permanecem na escola pública transparecem o cansaço e a frustração de ser, ao mesmo tempo, professor e português. Notícias como as de 2018, de que havia apenas 16 dos 25.000 professores com menos de 30 anos nas escolas públicas do 1º ciclo é uma das que não saiu da memória. Hoje, o panorama permanece inalterado. Temos a classe docente mais envelhecida da Europa e poucos novos professores a sair das universidades, apesar dos avisos repetidos há anos de que a idade avançada do corpo docente irá ditar a maior crise na educação da nossa democracia.

Sou de uma geração que, a crescer, viu professores com 35 anos, naquilo que deveria ser o auge de uma vida já estável, que possibilite formar uma família, a trabalharem a contratos, saltando de escola em escola, por vezes no canto oposto do país. E sou de uma geração, pelos vistos a última, que consegue identificar a Península Ibérica no mapa do mundo.

Hoje, ao Estado, não resta outra possibilidade se não contratar professores, muitos dos quais sem formação pedagógica e sem nunca ter dado aulas. Alguns ainda sem terem terminado a licenciatura, como eu. Em Lisboa, Setúbal e no Algarve, centenas de horários ficaram por preencher e estão a ser dados a farmacêuticos, a ex-engenheiros, a médicos internos, gente que nunca deu aulas na vida.

E podemos censurar? Quem quer ser professor em Portugal? A profissão docente tornou-se numa profissão burocrática, asfixiante, onde há cada vez menos espaço para ensinar e mais para preencher papéis.

A escola portuguesa anseia por novo sangue, mas não só. Os baixos salários, a desvalorização da carreira e o fantasma da precariedade laboral e das deslocações em início de carreira assombram o ensino em Portugal, e estão a apodrecê-lo pelo próprio interior.

Dados como os que saíram ontem sobre as provas de aferição, lidos em contexto com os relatórios do PISA (Programme for International Student Assessment) e com as estatísticas do Ministério da Educação, deixam muitas interrogações e incertezas no ar. E não deixa de ser curioso ver estes resultados negativos ao mesmo tempo que se procede à constatação de que, em 2001, 87% dos alunos do ensino básico transitavam de ano. Hoje, 97% passa. No ensino secundário, a taxa de aprovação em 2001 era de apenas 60%, contra os 91% atuais. Paradoxal? Talvez.

A educação está a implodir. Quem paga a curto prazo, somos nós, os alunos, sejam eles os que estão a fazer a escolaridade obrigatória ou que se estão a licenciar e que sempre tiveram o sonho de lecionar. Mas quem pagará o preço mais caro certamente será o país de daqui a uma ou duas décadas.

10 Dicas Infalíveis Para Ver-se Livre da Celulite

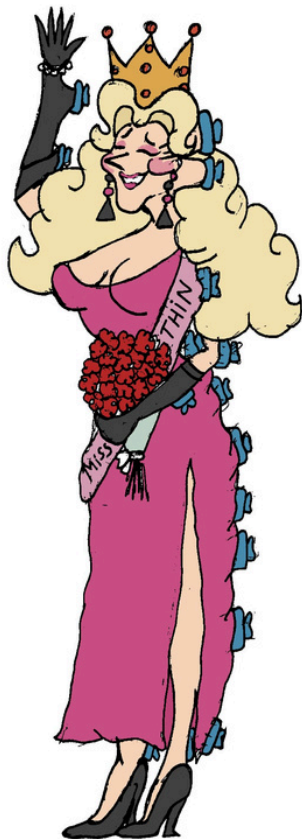
Autoria: Inês R.
Edição: Ana Espadinha
Ilustração: Nobre Bastos

Cara leitora, já se olhou ao espelho e percebeu uma textura de casca de laranja na parte traseira das coxas? Já reparou nuns pequenos altos e baixos na zona da nádega enquanto vestia umas calças? Cara leitora, já acordou, lembrou-se de que era você mesma e berrou interiormente, num culminar de dor, frustração e raiva?

Se sim, não se sinta constrangida! Até lhe conto um segredo, já aconteceu comigo! Na verdade, já aconteceu com todas: o INE (Instituto Nacional de Estatística) afirma que 11 em cada 10 mulheres se odeiam a si mesmas.*

**Esta estatística aplica-se também a fetos do sexo feminino. Apesar de ainda não terem nascido, estão predestinados a sentir os incómodos patriarcalmente fabricados de se ser mulher e por isso também já se odeiam, contando, desta forma, para a amostra aleatória utilizada na realização deste estudo*

Apresento-lhe hoje 10 truques milagrosos contra a celulite:



1- Não coma.

Aproveite a tendência feminina estimulada pelo *marketing* e publicidade de estar em constante dieta e tome uma abordagem mais radical: não coma! Deixe isso para o seu namorado! Enquanto ele aproveita um hambúrguer artesanal com queijo derretido por cima, contente-se com uma *story* e uma água das pedras de limão. É capaz de se surpreender com o quanto os sabores são parecidos!

2- Beba líquidos.

Água, água e mais água! E na falta de água, ou quando se sentir mais atrevida, absinto! Zero calorias e permite-lhe ficar tão intoxicada que quase se esquece da pressão existencial com que vive. Quem sabe, ainda pode sentir uma momentânea felicidade.

3- Nada de doces.

Cuidado com as celebrações! Evite-as a todo o custo e diga sempre não a qualquer bolo. Seja do seu aniversário ou do seu casamento, muito menos de uma comemoração qualquer que algum dos seus amigos faça, como o nascimento do seu primeiro filho ou assinatura dos papéis de divórcio. Lembre-se do que realmente importa: mais vale sozinha do que celulitosa!

4- Inicie um desporto gínico.

Os gritos da sua treinadora enquanto corre por uma hora nas escadas do pavilhão municipal, num sol escaldante de agosto, às três da tarde, são a motivação que precisa para atingir o seu «eu» melhorado. Acredite, o adjetivo «gorda» torna-se um lembrete incentivante!

5- Namore um narcisista galante.

Quer melhor estímulo do que um homem que a critica constantemente e passa a vida a mandar mensagens a outras mulheres? É tiro e queda! E se for aventureira e pretender maximizar o potencial desta dica, apaixone-se por alguém que manda mensagens a

a *influencers* ou às suas amigas de longa data.

6- Se não tem uma boa relação com a sua mãe, aproveite!

Esta é uma dica infalível. Basta passar um fim de semana com a sua progenitora ou outras figuras maternas que tenham internalizado comportamentos misóginos. Para além de fazer um bom *detox*, regressa com os níveis de ferro e magnésio restaurados do tanto de amêndoas e nozes que vai comer cada vez que mencionar que tem fome.

7- Compare-se.

Recorda-se daquela sua amiga cobiçada do liceu? Há quanto tempo não visita a sua página do *Instagram*? Do que está à espera? Dê um bom, longo e cheio de zoom *scroll* e chore na cama (em jejum) durante um dia.

8- Comece a fumar.

Cumpra a tradição portuguesa e contente-se com um cigarro e um café como refeição. Quando o monstro da fome aparecer, fume até o afugentar! Ainda adota um ar boémio e de quem «se está a cagar», mesmo que repita mentalmente todos os comentários que alguma vez lhe fizeram.


9- Guarde as suas roupas de adolescência.

Tenha em mente que nós fomos feitas para caber na roupa, não o contrário! Como tal, se já não entra nas suas calças compradas em 2016, o problema está em si! Seja ecologista, perca 5kg e volte a usar o seu velho guarda-roupa.

10- Não tenha filhos.

Este segredo foi-me passado por diversas mães, em confissão privada (isto é, com uma das suas primogénitas ao meu lado) nos provadores das lojas em que trabalhei. O corpo fica uma desgraça, não vale a pena! Se puder, evite e se já teve, faça questão de atormentar as suas filhas com a frase «eu antes de te ter era lindíssima, depois... pronto... fiquei assim».

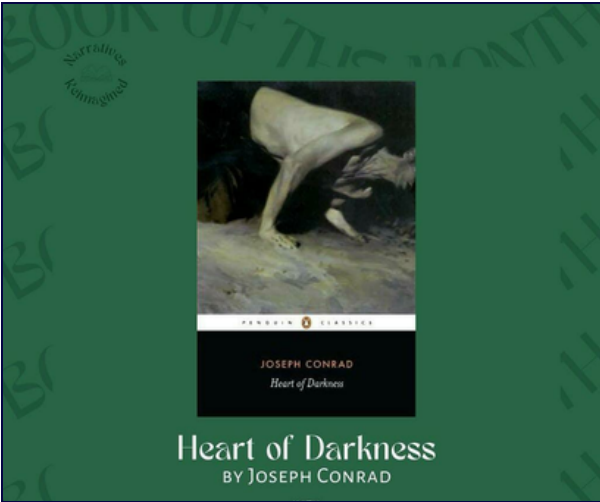
Não adie mais, cara leitora, comece ainda hoje! Lembre-se, nascemos para ser atraentes. Seja bonita, afinal, o que é que custa?



Páginas Transcendentes apresentam
CINEMA E SONHOS IMPLICADOS
UMA LEITURA DELEUZIANA DE
SHERLOCK JR. E *MULHOLLAND DR.*

No dia 3 de abril, pelas 17:10, irá decorrer mais uma conferência do Núcleo Páginas Transcendentes, no Anf. IV na FLUL.

Esta conferência contará com a participação da Prof.^a Dr.^a Susana Viegas, que fará “Uma leitura Deleuziana de Sherlock Jr. e Mulholland Dr.”.



Heart of Darkness
BY JOSEPH CONRAD

Heart of Darkness, de Joseph Conrad, é o livro de março do clube de leitura Narratives Reimagined.

A próxima sessão presencial do grupo será no dia 3 de abril, na sala B112.H, das 17:00 às 18:30. A discussão contará com a presença do Prof. Dr. Mário Avelar.

Não havia espaço nas paredes da cozinha

Autoria: Guilherme Morujo
Edição: Inês Cândido
Ilustração: Nobre Bastos

Não havia espaço nas paredes da cozinha. O cheiro a tinta fresca não ocultava os hábitos tabágicos ali vividos nos anos oitenta. As paredes recentemente caiadas não escondiam o cheiro esquisito de memórias gravadas a lápis de cera. A renovação recentemente feita em troca de uma premissa de «mais vendável» apagara quaisquer vestígios dos moradores de outrora, restava apenas o esqueleto onde um dia uma família havia vivido. Se encostássemos o ouvido, ainda conseguíamos ouvir ruídos ininteligíveis de uma criança que ali perto brincava.

Não havia espaço nas paredes da cozinha. O antigo combinado frigorífico-arca branco — branco como as paredes da casa — servia como solução para o problema da ausência de espaço. Prendiam-se com alguns ímanes já lascados, uns de capitais europeias por onde nunca haviam passado, outros de ofertas promocionais de marcas de iogurte que nunca haviam comido, fotografias já desbotadas pelo sol de tarde que entrava pela janela, lembretes antigos e autorizações para visitas de estudo da qual a data já havia passado. O lava-loiça, cujas torneiras de água quente e fria estavam trocadas, havia sido substituído. Já não saía água quente do lado azul e água fria do lado vermelho. Reticentemente, no último adeus à casa, a criança que ali vivera ainda mediu a temperatura pondo a mão debaixo da água corrente num gesto sádico e desconfiado. Procurava algo que ali já não estava. Procurava um amigo que já partira.

Sobrava apenas a mesa de mogno maciça de que a vendedora imobiliária aparentemente gostou. A claridade das paredes contrastava agora com o ar bruto e teimoso da mesa que nem o tempo conseguira demover do seu local de repouso eterno. Permanecia ali, imóvel e inerte, parecendo pesar uma tonelada. «Já não se fazem mesas assim, mesas como antigamente.» Por instantes veio-me à cabeça o pensamento sobre se ela teria realmente gostado da mesa ou se apenas se resignara com o obstinado objeto que, como se de luto estivesse, escurecera com o passar dos anos.

Quem é ela para saber as histórias que a mesa guarda no seu voto de silêncio. Quem é ela para

saber quantas joelhadas a criança inadvertidamente deu na mesa devido a um corpo estranho em crescimento. Quem é ela para saber quantas discussões assistiu a criança do seu lugar privilegiado de espectador particular. Quem é ela para saber quantos murros na mesa deram os pais dessa criança antes de se divorciarem e decidirem vender a casa.



Nutria pela vendedora um sentimento confuso e ambíguo, não se conseguia decidir sobre o que sentir. Queria muito odiá-la por ter desfigurado a casa que os seus olhos de criança conheceram, mas, por alguma razão, o seu olhar de adulto, triste e cansado, era meigo e inofensivo. De vez em quando, ia esboçando um sorriso tímido que prontamente era escondido entre tentativas falhadas de reter algum tipo de raiva.

Sussurrou bem baixinho «adeus» a um canto da cozinha, pressionando de seguida os seus lábios quentes e inseguros contra a parede. Quer acreditar que recebeu um «adeus» de volta. Afinal, se as paredes têm ouvidos, podem também ter memória.

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no Instagram, X (anteriormente conhecido como Twitter) e Facebook.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e às nossas edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através do linktree no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele. Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para jornalocola@gmail.com



Associação de Estudantes | FLUL
@aeftul
www.facebook.com/aeftulisboa

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL O COLA CONSULTA
AS NOSSAS REDES:**

 @JORNALOCOLA

 @JORNALOCOLA

 JORNAL O COLA

 JORNALOCOLA@GMAIL.COM

WWW.JORNALOCOLA.COM